

MAIS DE 75 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN



WIN

WINDSOR HORNE LOCKWOOD III



LIVRO
INÉDITO

WIN

Título original: *Win*
Copyright © 2021 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ricardo Quintana
preparo de originais: Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais
revisão: Luis Américo Costa e Luíza Côrtes
diagramação: Abreu's System
capa: Elmo Rosa
imagem de capa: elwynn/Shutterstock
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586w

Coben, Harlan, 1962-
Win / Harlan Coben ; tradução Ricardo Quintana. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de: Win
ISBN 978-65-5565-194-2

1. Ficção policial. 2. Ficção americana. I. Quintana, Ricardo.
II. Título.

21-72715

CDD: 813

CDU: 82-312.4(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Diane e Michael Discepolo,
Com amor e gratidão*

capítulo um

O ARREMESSO QUE VAI DECIDIR o campeonato está fazendo um arco em direção à cesta.

Não estou nem aí.

Todo mundo no estádio da Lucas Oil, em Indianápolis, olha para a bola de boca aberta.

Eu não.

Eu olho para o outro lado da quadra. Para ele.

Meu assento é na primeira fila, claro, perto da linha central. À minha esquerda está um famoso ator de filmes de super-herói da Marvel, vestindo uma camiseta preta, de mangas apertadas feito um torniquete, exibindo os bíceps. Vocês o conhecem. À minha direita o célebre magnata rapper Swagg Daddy, cujo jatinho particular comprei há três anos, está usando os óculos escuros da sua própria marca. Gosto do Sheldon (é o nome verdadeiro do Swagg Daddy), do homem e da sua música, mas ele torce e levanta as mãos de um jeito para lá de subserviente, e isso me enjoa.

Quanto a mim, visto terno risca de giz Saville Road, feito sob medida; sapato Bedfordshire bordô, também sob medida, criado pelo Basil, artesão mestre da G. J. Cleverley's; gravata Lilly Pulitzer de seda rosa e verde, edição limitada; e lenço de bolso Hermès, edição especial, que fica para fora do bolso superior esquerdo com uma precisão celestial.

Sou um salafrário total.

E também, para os que não entenderam o subtexto, sou rico.

A bola viajando pelo ar vai decidir o resultado do fenômeno do basquete universitário conhecido como March Madness. Estranho isso, quando paramos para pensar. Todo o sangue, o suor e as lágrimas, toda a estratégia e todo o trabalho dos olheiros e dos treinadores, todas as incontáveis horas fazendo arremessos sozinho no quintal de casa, treinando dribles, montando jogadas a três, levantando pesos, praticando corridinhas antes de arremessar, todos aqueles anos em ginásios mofados, em todos os níveis – basquete Biddy, excursões de astros da CYO, torneios juvenis, times de escola, dá para entender –, tudo isso se reduz à mecânica de uma esfera laranja rudimentar rodopiando em direção a um aro metálico naquele exato momento.

Ou o arremesso falha e a Duke University vence, ou a bola entra e a South

State University e seus torcedores correm pela quadra comemorando. O requisitado super-herói da Marvel estudou na South State. Swagg Daddy, como este que vos fala, estudou na Duke. Ambos ficam tensos. A multidão barulhenta cai no silêncio. O tempo diminuiu de velocidade.

Aproveito para me concentrar nele.

Seu nome é Teddy Lyons. Ele é um dos vários técnicos assistentes no banco da South State. Mede dois metros e três e é parrudo, um verdadeiro armário criado em fazenda. Big T. – é como ele gosta de ser chamado – tem 33 anos, e esse é seu quarto emprego de técnico universitário. Pelo que entendo, é um estrategista razoável, mas se destaca pelo talento em recrutar.

Ouçõ a campanha disparar. Tempo esgotado, embora o resultado da partida seja ainda muito incerto.

A arena está tão silenciosa que consigo ouvir a bola batendo no aro.

Swagg agarra minha perna. O famoso Sr. Marvel joga um tríceps musculoso no meu peito enquanto abre os braços em expectativa. A bola bate no aro uma, duas vezes e depois uma terceira vez, como se aquele objeto inanimado estivesse provocando a multidão antes de decidir por si mesmo quem vive e quem morre.

Ainda observo Big T.

Quando a bola rola toda a extensão do aro e depois cai no chão – numa falha cabal –, a seção Blue Devil da arena explode. Ao meu redor, vejo todo mundo no banco da South State murchar. Não gosto da expressão “crista caída” – acho estranha –, mas nesse caso vem bem a calhar. Eles murcham e a crista parece despencar. Alguns desabam arrasados, em lágrimas, quando cai a ficha da derrota.

Mas Big T. não.

O Marvel famoso cobre o belo rosto com as mãos. Swagg Daddy me abraça.
– Ganhamos, Win! – grita.

Depois, pensa melhor e faz um trocadilho infame com meu nome e a palavra *vitória*.

Faço uma careta dando a entender que esperava coisa melhor.

– É, você está certo – diz Swagg.

Mal o ouço. Os urros são para lá de ensurdecadores. Ele se inclina para mais perto.

– Minha festa vai começar!

Ele sai correndo e se junta à comemoração. A multidão invade a quadra com ele, exuberante, exultando. Perco Swagg de vista, engolido pela massa.

Alguns me dão tapinhas nas costas ao passar. Incitam-me a participar, mas não vou.

Olho outra vez para Teddy Lyons, mas ele não está mais lá.
Não por muito tempo, no entanto.

Duas horas depois, vejo Teddy de novo, marchando em minha direção.
Aí vem meu dilema.

Vou machucar Big T. Não tem outro jeito. Ainda não sei até que ponto, mas o dano a sua saúde física vai ser severo.

Não é esse meu dilema. É como.

Não, não estou preocupado em ser pego. Essa parte já foi planejada. Big T. recebeu convite para a festança de Swagg Daddy. Ele está entrando pelo que acredita ser a porta VIP. Não é. Na verdade, não é nem mesmo o local da festa. Música nas alturas ecoa pelo corredor, mas é só para enganar.

Somos apenas Big T. e eu neste armazém.

Uso luvas. Estou armado – como sempre –, embora não seja necessário.

Big T. está se aproximando de mim; volto então ao meu dilema:

Bato nele logo, sem avisar, ou dou-lhe alguns segundos, o que considerariam fair play?

Isso não tem nada a ver com moralidade ou algo do tipo. Não me importa nem um pouco como o público em geral vai rotular isso. Me meti em muita confusão na minha época. Quando se briga, as regras se tornam rapidamente nulas e inválidas. Morder, chutar, jogar areia, usar arma, o que for preciso. Briga para valer tem a ver com sobrevivência. Quando se trata de espírito esportivo, não existe prêmio nem elogio. Tem um vencedor. Tem um perdedor. Fim. Não interessa se a pessoa “trapaceia”.

Enfim, não tenho o menor escrúpulo em simplesmente atacar essa criatura odiosa quando ele não estiver esperando. Não tenho o menor problema em dar um “golpe baixo”. Na verdade, esse foi meu plano o tempo todo: pular nele quando estiver desprevenido. Usar um bastão ou uma faca ou a coronha da minha arma. Acabar com isso.

Por que o dilema agora?

Porque não acho que quebrar uns ossos seja o bastante nesse caso. Quero destruir o ânimo do cara também. Se o fortão Big T. fosse perder uma briga supostamente justa contra o coitadinho de mim – sou mais velho, muito menor, mais bonitinho (é verdade) e a própria definição de “efeminado” num dicionário de imagens –, seria humilhante.

Quero isso para o Big T.

Ele está apenas a alguns passos de distância. Tomo uma decisão e bloqueio seu caminho. Big T. para e faz um carão. Olha para mim um instante. Sorrio para ele, que retribui.

– Eu conheço você – comenta ele.

– Não diga.

– Você estava no jogo essa noite. Sentado na primeira fila.

– Na mosca – admito.

Ele estica uma mão do tamanho de uma luva de beisebol para eu apertar.

– Teddy Lyons. Todo mundo me chama de Big T.

Não aperto sua mão. Olho para ela como se tivesse saído do ânus de um cachorro. Big T. espera um segundo, parado ali, antes de recolher a mão como se fosse uma criancinha que precisasse de consolo.

Sorrio outra vez. Ele pigarreia.

– Se você me der licença – começa.

– Não dou, não.

– O quê?

– Você é um pouco lento, não é, Teddy? – Suspiro. – Não, não vou te dar licença. Não existe licença para você. Está me entendendo agora?

O carão retorna aos poucos para o seu rosto.

– Você está com algum problema?

– Hmm. Que resposta você prefere?

– Hein?

– Eu posso te dizer “Não, VOCÊ é que está com um problema” ou “Eu? Problema nenhum”. Alguma coisa assim. Mas, na verdade, nenhuma dessas respostas malcriadas me seduz.

Big T. parece perplexo. Parte dele quer simplesmente me empurrar para o lado. Outra parte se lembra de que eu estava sentado na Fila das Celebri- dades, de forma que talvez seja alguém importante.

– Ah – diz Big T. –, eu estou indo para a festa agora.

– Não, não está.

– Como é que é?

– Não tem nenhuma festa aqui.

– Quando você diz que não tem nenhuma festa...

– A festa fica a dois quarteirões daqui.

Ele põe as mãos gigantescas nos quadris. Pose de técnico.

– Que maluquice é essa?

– Eu mandei que te dessem o endereço errado. A música? É só para enganar. O segurança que deixou você entrar pela porta VIP? Ele trabalha para mim e sumiu na hora em que você entrou.

Big T. pisca duas vezes. Depois chega mais perto de mim. Não recuo nem um milímetro.

– O que está acontecendo? – pergunta.

– Vou te dar porrada, Teddy.

Ah, como seu sorriso se abre nesse momento.

– Você?

Seu peito é do tamanho aproximado de um muro largo. Ele então chega mais perto, crescendo para cima de mim, olhando de banda com a confiança de um cara grande, forte, que por causa do tamanho nunca esteve em desvantagem física nem foi jamais desafiado. Esse é o movimento amador do Big T., de partir para cima, intimidar o adversário com a estatura e depois vê-lo murchando.

Eu não murcho, claro. Estendo o pescoço e encontro seus olhos. E então, pela primeira vez, vejo dúvida começando a turvar sua expressão.

Não espero.

Intimidar-me dessa forma foi um erro. Torna meu primeiro movimento curto e fácil. Coloco todas as cinco pontas dos meus dedos juntas na mão direita, formando uma espécie de ponta de flecha, e acerto sua garganta como um dardo. Ele começa a fazer um som de gorgolejo. Ao mesmo tempo, dou um chute por baixo, com o peito do pé, atingindo diretamente a lateral de seu joelho direito, que, conforme eu tinha pesquisado, já havia passado por duas cirurgias de ligamento.

Ouçõ um estalo.

Big T. cai como um carvalho.

Levanto a perna e o acerto com força no calcanhar.

Ele grita.

Bato de novo.

Ele grita.

Silêncio.

Vou poupá-los do resto.

Vinte minutos depois, chego à comemoração de Swagg Daddy. O segurança me leva imediatamente até o quartel-general da festa. Apenas três tipos de pessoa entram ali: mulheres bonitas, rostos famosos, carteiras recheadas.

Nós nos divertimos muito até as cinco da manhã. Depois uma limusine

preta leva Swagg e este que vos fala ao aeroporto. O jato particular está abastecido e aguardando.

Swagg dorme o voo inteiro de volta a Nova York. Eu tomo uma ducha – sim, meu jato tem chuveiro –, faço a barba e visto um terno de trabalho espinha de peixe Kiton K50 cinza.

Quando aterrissamos, duas limusines pretas estão esperando. Swagg se despede numa espécie de abraço-aperto de mão complicado e entra num dos veículos com destino à sua propriedade em Alpine. Entro no outro e sigo diretamente para meu escritório, num arranha-céu de 48 andares na Park Avenue, no Centro. Minha família é dona do prédio Lock-Horne desde que foi construído, em 1967.

O elevador para no quarto andar. Esse espaço costumava ser sede de uma agência de esportes dirigida por meu amigo mais próximo, mas ele a fechou há alguns anos. Deixei o escritório vazio por muito tempo porque a esperança é a última que morre. Tinha certeza de que ele mudaria de ideia e voltaria.

Não voltou. E então seguimos em frente.

O novo ocupante é a Fisher and Friedman, que se intitula um “Escritório de Advocacia do Direito das Vítimas”. O site deles, que me ganhou, é um pouco mais específico:

Ajudamos você a dar uma joelhada no saco de abusadores, perseguidores, imbecis, caluniadores digitais, pervertidos e psicopatas.

Irresistível. Sou sócio majoritário da firma, assim como era da agência de esportes do meu amigo.

Bato na porta. Quando Sadie Fisher me manda entrar, abro e enfio a cabeça.

– Ocupada?

– Os sociopatas estão no cio – diz Sadie, sem tirar os olhos do computador.

Ela está certa, claro. É por isso que investi. Sinto-me bem em relação ao trabalho que eles fazem, advogar para os perseguidos e maltratados, mas vejo também esse ramo de homens inseguros-violentos (são quase sempre homens) como um negócio promissor.

Sadie enfim olha na minha direção.

– Pensei que você ia para o jogo em Indianápolis.

– Eu fui.

– Ah, certo, o jatinho. Às vezes esqueço como você é rico.

- Não, não esquece.
- Verdade. E aí, como vão as coisas?

Sadie usa óculos de bibliotecária gostosa e um terninho que aperta e revela suas curvas. É intencional, ela me explicou. Quando começou a representar mulheres assediadas e agredidas sexualmente, mandaram-na se vestir de modo conservador, com roupas sem forma, insípidas e, portanto, “inocentes”, o que Sadie entendia como uma culpabilização maior em relação às vítimas.

Sua resposta? Fazer o contrário.

Não sei como tocar no assunto, então digo apenas:

- Soube que uma das suas clientes foi hospitalizada.

Isso detém sua atenção.

– Você acha que seria de bom-tom enviar alguma coisa para ela? – pergunto.

- Tipo o quê, Win?
- Flores, chocolates...
- Ela está na UTI.
- Um animal empalhado, balões...
- Balões?
- Só alguma coisa para ela saber que estamos pensando nela.

O olhar de Sadie volta para a tela do computador.

– A única coisa que a nossa cliente quer é algo que a gente parece não conseguir dar a ela: justiça.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas no fim fico em silêncio, optando por discrição e sabedoria em lugar de consolo e bravata. Eu me viro para ir embora e vejo duas pessoas – uma mulher e um homem – caminhando determinadas na minha direção.

- Windsor Horne Lockwood? – pergunta a mulher.

Antes mesmo de mostrar os distintivos, sei que são policiais.

Sadie também percebe. Levanta-se automaticamente e vem até mim. Tenho vários advogados, claro, mas para os negócios. Para assuntos pessoais, meu melhor amigo, o agente esportivo/advogado que ocupava este escritório, era quem sempre intervinha porque tinha minha inteira confiança. Agora, com ele fora de campo, parece que Sadie instintivamente assumiu o papel.

- Windsor Horne Lockwood? – indaga outra vez a mulher.

Esse é meu nome. Para ser preciso, meu nome completo é Windsor Horne Lockwood III. Como ele sugere, minha fortuna é antiga e eu aparento isso,

com esta cútis corada, o cabelo louro ficando grisalho, as delicadas feições patricias, o porte algo majestoso. Não escondo o que sou. Nem sei se poderia.

Como, pergunto-me, fui estropiar o Big T.? Sou bom. Sou muito bom. Mas não sou infalível.

Onde foi que errei então?

Sadie está quase do meu lado agora. Espero, em vez de responder. Deixo-a dizer:

– Quem quer saber?

– Sou a agente especial Karen Young, do FBI – identifica-se a mulher negra.

Ela veste camisa social azul abotoada sob um casaco de couro sob medida em tom conhaque. Elegante demais para uma agente federal.

Lopez, o policial que a acompanha, é latino. Seu terno é cinza calçada-molhada, a gravata, de um vermelho triste e manchado.

Eles nos mostram os distintivos.

– Qual é o assunto? – pergunta Sadie.

– Gostaríamos de conversar com o Sr. Lockwood.

– Já percebi – rebate Sadie com alguma ironia. – Sobre o quê?

Karen sorri e põe o distintivo de volta no bolso.

– Sobre um assassinato – responde.

capítulo dois

CHEGAMOS A UM PEQUENO IMPASSE. Karen e Lopez querem me levar a um lugar sem mais explicações. Sadie não aceita nada disso. Por fim, intervenho e chegamos a uma espécie de acordo. Vou com eles. Não serei interrogado nem interpelado sem um advogado presente.

Sadie, que é muito sensata para seus 30 anos, não gosta disso. Puxa-me de lado e diz:

- Eles vão te interpelar de qualquer jeito.
- Eu sei. Essa não é minha primeira desavença com as autoridades.

Nem a segunda ou terceira ou... mas Sadie não precisa saber disso. Não quero continuar empatando nem sendo “tutelado por advogado” por três razões: primeira, Sadie tem uma audiência e não quero detê-la. Segunda, se isso envolve Teddy Lyons, o Big T., preferiria que ela não ficasse a par dessa maneira tão declarada por razões óbvias. Terceira, estou curioso a respeito desse assassinato e confiante demais. Me julguem.

Uma vez no carro, partimos em direção à área residencial do Centro. Por mais estranho que pareça, emana deles uma ansiedade como a de um sonar captável. Os dois estão tentando ser profissionais – e são –, mas por trás disso sinto um clima. Esse assassinato é diferente, algo fora do comum. Eles tentam esconder, mas a empolgação é um feromônio que não passa despercebido.

Os dois começam me concedendo o tratamento silencioso costumeiro. A teoria é bem simples: a maioria das pessoas odeia silêncio e faz qualquer coisa para quebrá-lo, inclusive dizendo algo incriminador.

Sinto-me quase insultado por tentarem essa tática comigo.

Não caio nessa, claro. Acomodo-me no banco de trás, cruzo os dedos e olho pela janela do carro como se fosse um turista na primeira visita à cidade.

Finalmente Karen diz:

- Sabemos sobre o senhor.

Enfio a mão no bolso do paletó e aperto o celular. A conversa está sendo gravada agora. Vai direto para a nuvem, no caso de um dos meus novos amigos do FBI descobrir que estou gravando e optar por deletá-la ou quebrar o aparelho.

Estou mais que preparado.

A agente se vira e me encara.

– Eu disse que sabemos sobre o senhor.

Fico em silêncio.

– O senhor fazia umas coisas para o FBI – comenta ela.

Que eles saibam de qualquer coisa sobre meu relacionamento com a agência me surpreende, embora eu não demonstre. Fiz trabalhos para o FBI logo depois de me formar pela Duke, mas minha função era altamente secreta. O fato de que alguém tenha contado a eles – só podia ser alguém de cima – me diz outra vez que esse caso de assassinato é fora do comum.

– Soube que o senhor era bom – diz Lopez, fitando meus olhos pelo retrovisor, passando rapidamente do tratamento silencioso para a bajulação.

Nem assim entrego nada a eles.

Percorremos a Central Park West, minha rua natal. As chances de que esse assassinato tenha a ver com Big T. parecem pequenas agora. Para começar, sei que ele sobreviveu, mesmo não intacto. Depois, se os agentes quisessem me interrogar a respeito de qualquer coisa relacionada a isso, teríamos ido para o Centro, a sede do FBI no número 26 da Federal Plaza; em vez disso, aqui estamos, na direção oposta, indo para minha residência no Dakota, na esquina da Central Park West com a Rua 72.

Analiso esse fato. Moro sozinho agora, então a vítima não pode ser nenhum ente querido. Talvez os tribunais tenham expedido algum tipo de mandado de busca na minha casa e encontrado algo incriminador que queiram usar contra mim, mas isso também parece improvável. Um dos porteiros do Dakota teria me alertado sobre uma invasão. Um dos meus alarmes ocultos teria tocado no meu celular. Também não sou descuidado a ponto de deixar dando mole para as autoridades algo que possa me incriminar.

Para minha surpresa, Lopez passou pelo Dakota sem parar. Continuamos saindo do Centro. Seis quarteirões depois, quando chegamos ao Museu de História Natural, vejo dois carros de polícia parados em frente ao Beresford, outro estimado prédio de apartamentos do pré-guerra, na Rua 85.

Lopez está agora me examinando pelo retrovisor. Olho para ele e fecho a cara.

Os porteiros do Beresford vestem uniformes aparentemente inspirados nos generais soviéticos do final dos anos 1970. Enquanto Lopez para, Karen se vira para mim e pergunta:

– O senhor conhece alguém nesse prédio?

Minha resposta é um sorriso e silêncio.

Ela balança a cabeça.

– Tudo bem, vamos.

Com Lopez à direita e Karen à esquerda, sou escoltado pela portaria de mármore até um elevador com painéis de madeira, já com as portas abertas. Quando ela aperta o botão para o último andar, percebo para onde estamos nos dirigindo. Um dos meus empregados, o vice-presidente da Lock-Horne Securities, é dono de um apartamento no quarto andar do Beresford, com vista limitada do parque. Pagou mais de 5 milhões de dólares por ele.

Karen se vira para mim e diz:

– Alguma ideia de para onde estamos indo?

– Para cima? – digo.

– Engraçado.

Pisco os olhos em sinal de modéstia.

– O último andar – diz ela. – Já estive lá?

– Acho que não.

– Sabe quem mora lá?

– Acho que não.

– Pensava que todos vocês, ricos, se conhecessem.

– Estereotipar é um erro – retruco.

– Mas o senhor já estive neste prédio antes, certo?

A porta do elevador se abre com um sinal sonoro antes de eu me dar ao trabalho de responder.

Imaginava que desembarcaríamos num imóvel grandioso – elevadores muitas vezes levam direto ao interior de apartamentos de cobertura –, mas estamos num corredor escuro. O papel de parede é castanho-avermelhado, de uma textura pesada. A porta aberta à direita leva a uns degraus em caracol, de ferro batido. Lopez sobe na frente. Karen me faz sinal para ir logo atrás dele.

Tem lixo por toda parte.

Pilhas de 2 metros de revistas velhas, jornais e livros margeiam os dois lados da escada. Precisamos subir em fila indiana – noto uma revista *Time* de 1998 – e, mesmo assim, ainda virar o corpo de lado para poder passar pela abertura estreita.

O mau cheiro é sufocante.

É clichê, mas um clichê com mérito: nada fede mais que um corpo humano em decomposição. Karen e Lopez tapam nariz e boca. Eu não.

O Beresford tem quatro torres pequenas, uma no topo de cada canto do edifício. Chegamos ao patamar da que fica mais a nordeste. Quem quer que

more ali (ou, talvez mais precisamente, tenha morado), no andar mais alto de um prédio tão conceituado de Manhattan, era um autêntico acumulador. Mal conseguimos nos mexer. Quatro peritos criminais vestidos a caráter, com touca de banho, tentam vasculhar e escalar o entulho.

O cadáver já foi ensacado. Surpreendo-me que não o tenham retirado ainda, mas tudo nesse caso é estranho.

Ainda não faço ideia de por que estou aqui.

Young me mostra uma fotografia do que imagino ser o morto – olhos fechados, lençol branco cobrindo o corpo até o queixo. É um homem mais velho, de pele entre branca e cinza. Eu me atreveria a dizer que de uns 70 e poucos anos. É careca no alto da cabeça com um anel de cabelo grisalho até as orelhas. A barba é comprida, cerrada e encaracolada, de um branco sujo, como se ele estivesse comendo cordeiro quando a fotografia foi tirada.

– Conhece? – pergunta Karen.

Opto pela verdade.

– Não – respondo e devolvo a fotografia. – Quem é ele?

– A vítima.

– Sim, imaginei, obrigado. Perguntei o nome dele.

Os agentes se entreolham.

– Não sabemos.

– Perguntaram ao morador?

– Acreditamos que ele seja o morador – diz ela.

Fico aguardando.

– Este apartamento da torre foi comprado há quase trinta anos por uma sociedade anônima, usando uma empresa de fachada impossível de rastrear.

Impossível de rastrear. Conheço isso bem demais. Uso muitas vezes instrumentos financeiros semelhantes, nem tanto para evitar impostos, embora isso seja com frequência um benefício extra. No meu caso – como aparentemente no do falecido acumulador –, essas ações são mais no interesse do anonimato.

– Sem identificação? – pergunto.

– Ainda não encontramos nenhuma.

– Os empregados do prédio...

– Ele morava sozinho. As entregas eram deixadas no pé da escada. O prédio não tem câmera de segurança nos corredores de cima ou, se tem, eles não estão revelando. As taxas de condomínio eram pagas em dia pela sociedade anônima. Segundo o porteiro, o Eremita – esse era o apelido

dele – era bastante recluso. Saía raramente e, quando saía, escondia o rosto num cachecol e deixava o prédio por uma saída secreta no porão. O síndico o encontrou hoje de manhã, depois que o cheiro chegou ao andar de baixo.

– E ninguém no prédio sabe quem ele é?

– Até agora, não – diz a agente –, mas nós ainda estamos indo de porta em porta.

– A pergunta óbvia então – digo.

– Que seria?

– Por que eu estou aqui?

– O quarto.

Karen parece esperar que eu rebata. Fico quieto.

– Venha conosco.

Quando nos encaminhamos para a direita, tenho a vista do gigantesco planetário redondo do Museu de História Natural do outro lado da rua e, à esquerda, do Central Park em toda a sua glória. Meu apartamento também tem uma vista bastante invejável do parque, embora o Dakota tenha apenas nove andares, enquanto aqui estamos em algum ponto acima do vigésimo andar.

Não me surpreendo com facilidade, mas, quando entro no quarto – quando vejo a razão pela qual me trouxeram até aqui –, paro. Não me mexo. Só olho. Caio no passado, como se a imagem à minha frente fosse um portal do tempo. Sou um menino de 8 anos me esgueirando para a saleta do meu avô no Solar Lockwood. Os outros parentes ainda estão no jardim. Visto um terno preto e estou sozinho, de pé sobre o assoalho ornado. Isso é antes da destruição da família ou talvez, olhando para trás agora, é o exato momento do primeiro racha. É o velório de vovô. Essa saleta, seu aposento preferido, foi pulverizada com algum tipo de desinfetante enjoativo, mas o cheiro reconfortante, familiar, do fumo de seu cachimbo ainda domina. Fico saboreando. Estendo uma mão hesitante e toco o couro da sua poltrona favorita, quase esperando que ele se materialize nela, de casaco de lã, chinelos, cachimbo e tudo. Por fim, meu eu de 8 anos toma coragem para se içar e sentar na cadeira reclinável. Quando consigo, olho para a parede acima da lareira, como vovô fazia tantas vezes.

Sei que Karen e Lopez estão observando minha reação.

– A princípio – diz ela –, achamos que era uma falsificação.

Continuo a olhar, exatamente como fiz naquela cadeira de couro quando tinha 8 anos.

– Aí pegamos um curador de arte do Met, no outro lado do parque – continua a agente. Met é a abreviação de Metropolitan Museum of Art. – Ele quer tirá-lo da parede e fazer uns testes, só para ter certeza, mas já tem. Esse é verdadeiro.

Diferentemente do restante da torre, o quarto do acumulador é limpo, arrumado, sóbrio, funcional. A cama contra a parede está feita. Não tem cabeceira. Na mesinha não há nada além de um par de óculos de leitura e um livro com capa de couro. Agora sei por que fui trazido até aqui – para ver a única coisa pendurada na parede.

A pintura a óleo chamada simplesmente de *A garota ao piano*, de Johannes Vermeer.

Sim, aquele Vermeer. Sim, aquela pintura.

Como a maioria das apenas 34 telas de Vermeer que existem, essa obra-prima é pequena, 45 centímetros de altura por 42 de largura, e ainda assim concentra um inegável vigor em sua simplicidade e beleza. Comprada há quase cem anos por meu bisavô, ela ficava pendurada na saleta do Solar Lockwood. Vinte e tantos anos atrás, minha família emprestou esse quadro, avaliado hoje em mais de 200 milhões de dólares, e a outra única obra-prima que possuíamos, *O leitor*, de Picasso, para a Lockwood Gallery, no Founders Hall, no campus da Haverford College. Vocês devem ter lido sobre o arrombamento noturno. Ao longo dos anos, tem havido aparições falsas das duas obras – mais recentemente, o Vermeer no iate de um príncipe do Oriente Médio. Nenhuma delas levou (e conferi algumas pessoalmente) a coisa nenhuma. Muitos teorizaram que o roubo foi ação da mesma organização criminosa que furtou treze obras de arte, inclusive trabalhos de Rembrandt, Manet, Degas e, sim, um Vermeer, do Isabella Stewart Gardner Museum, em Boston.

Nenhuma das obras furtadas nas duas ações jamais foi recuperada.

Até agora.

– Alguma ideia? – pergunta Karen.

Eu tinha pendurado duas molduras vazias na saleta de vovô, em homenagem ao que foi levado e como promessa de que suas obras-primas seriam um dia devolvidas.

Agora essa promessa, parece, será no mínimo cumprida pela metade.

– O Picasso? – pergunto.

– Nenhum sinal dele – responde ela –, mas, como o senhor pode ver, ainda temos muito que olhar.

O Picasso é bem maior – mais de 1,50 metro de altura por 1,20 de largura. Se estivesse aqui, haveria grandes chances de que já tivesse sido descoberto.

– Alguma ideia? – pergunta a agente novamente.

Faço um gesto em direção à parede.

– Quando posso levar para casa?

– Isso vai demorar um tempo. O senhor conhece o procedimento.

– Conheço um curador de arte e restaurador famoso na NYU. O nome dele é Pierre-Emmanuel Claux. Gostaria que ele cuidasse da peça.

– Temos nosso pessoal.

– Não, agente especial, vocês não têm. Na verdade, você mesma admitiu que pegou uma pessoa ao acaso no Met hoje de manhã...

– Não foi ao acaso...

– Esse não é um pedido absurdo – continuo. – A pessoa que conheço é especialista em autenticação, manuseio e, se necessário, restauração de obras de arte como poucas pessoas no mundo.

– A gente pode ver isso – diz Karen, tentando mudar de assunto. – Alguma outra ideia?

– A vítima foi estrangulada ou cortaram a garganta?

Eles se entreolham outra vez. Depois Lopez pigarreia e diz:

– Como o senhor...?

– O lençol estava cobrindo o pescoço dele – digo. – Na fotografia que vocês me mostraram. Isso foi feito, presumo, para encobrir um trauma.

– Não vamos entrar nisso, ok? – diz Karen.

– Vocês têm uma hora presumida da morte? – pergunto.

– Não vamos entrar nisso também.

Versão resumida: sou um suspeito.

Não sei por quê. Claro que, se eu tivesse feito aquilo, teria levado o quadro comigo. Ou talvez não. Talvez fosse inteligente o bastante para tê-lo assinado e deixado a pintura para ser encontrada e devolvida à minha família.

– O senhor tem alguma outra ideia que possa nos ajudar? – pergunta Karen.

Não me preocupo com a teoria óbvia: o Eremita era um ladrão de arte. Liquidou a maior parte do que surrupiou, usou o lucro para esconder a identidade, criou uma empresa de fachada, comprou o apartamento. Por alguma razão – muito provavelmente porque o amava ou era muito difícil de vender –, manteve o Vermeer para si.

– Então – continua ela – o senhor nunca esteve aqui, certo?

O tom é casual demais.

– Sr. Lockwood?

Interessante. Claramente eles acreditam ter evidências de que eu já estive nesta torre. Nunca estive. Fica claro também que tomaram essa iniciativa rara, de me trazer à cena do crime, para me incriminar. Se tivessem seguido o protocolo de uma investigação de assassinato e me conduzido para uma sala de interrogatório, eu ficaria alerta e na defensiva. Poderia chamar um advogado criminalista.

O que, digam-me por favor, eles acham que têm contra mim?

– Em nome da minha família, fico grato que o Vermeer tenha sido encontrado. Espero que isso leve a uma rápida recuperação do Picasso. Já estou pronto para retornar ao meu escritório.

Karen e Lopez não gostam disso. Ela olha para ele e faz um sinal com a cabeça. Lopez se esgueira para outro aposento.

– Um momento – diz ela.

Pega sua pasta e tira outra fotografia. Quando me mostra, fico de novo intrigado.

– Reconhece isso, Sr. Lockwood?

Para ganhar tempo, digo:

– Me chame de Win.

– Você reconhece isso, Win?

– Você sabe que sim.

– É o brasão da sua família, correto?

– Sim, é.

– É óbvio que vai demorar muito tempo para vasculhar o apartamento da vítima – continua Karen.

– Vocês já disseram.

– Mas encontramos um item no armário desse quarto. – Ela sorri. Karen, noto, tem um belo sorriso. – Só um.

Fico aguardando.

Lopez retorna ao quarto. Atrás dele, um perito criminal carrega uma mala de couro de jacaré, com ferragem de metal brilhante. Reconheço a peça, mas não acredito. Não faz sentido.

– Você reconhece essa mala? – pergunta ela.

– Deveria?

Mas claro que reconheço. Anos atrás, tia Plum mandou fazer uma para cada homem da família. Elas são todas adornadas com nosso brasão e nossas iniciais. Quando ela me deu – eu tinha 14 anos na época –, me esforcei

muito para não fazer careta. Não me importo com o que é caro e luxuoso. Importo-me com o que é vulgar e ostensivo.

– A mala tem suas iniciais.

O perito a inclina para que eu possa enxergar o monograma barroco brega:

WHL3

– É você, certo? WHL3. Windsor Horne Lockwood Terceiro?

Não me mexo, não falo, não demonstro. Mas, sem querer soar abertamente melodramático, essa descoberta me deixa sem chão.

– Então, Sr. Lockwood, quer nos contar por que sua mala está aqui?

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém
Apenas um olhar
Custe o que custar
O menino do bosque
Win

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

